

VIOLÊNCIA SEXUAL NO BRASIL: PERFIL EPIDEMIOLÓGICO (2009-2017)

Josiane da Silva Onça¹, Daniel Augusto da Silva²

josianesonca@hotmail.com¹, daniel.augusto@unifesp.br²

RESUMO: Este estudo dedicou-se a caracterizar as ocorrências de violência sexual no Brasil, nos anos de 2009 a 2017, segundo dados do Sistema de Informações de Saúde do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo, de abordagem quantitativa. As variáveis elegidas corresponderam àquelas disponíveis no DATASUS, e que corresponderam aos objetivos da pesquisa, a saber: tipos de violência, sexo, faixa etária, e autor da agressão. Os dados coletados foram analisados utilizando análise estatística, com frequência simples e relativa. Os dados obtidos por meio da consulta ao DATASUS nos permitem afirmar que a violência no Brasil tem apresentado crescimento significativo, sendo que o número de casos de violência, em todos os seus tipos, cresceu entre 341,9% e 1.630,6% entre os anos de 2009 e 2017. Em relação aos tipos de violência e suas classificações, a violência física predomina, em número de ocorrências, em todo o período. Para todos os tipos de violência, em todos os anos, a maior proporção de notificações é de mulheres, que chegam a ter 88,4% das notificações de violência sexual em 2017. As naturezas violentas se comunicam de alguma maneira, pois muitas vezes, dentro do seu ambiente de convívio, o agressor e a vítima possuem relacionamento. Exemplificando somente o aspecto domiciliar da violência sexual, não considerando outras modalidades para essa mesma natureza violenta, ele é submetido a violência econômica, psicológica, física incluindo a prática sexual não consentida, e podendo levar a mesma a auto lesão ocasionando seu óbito.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Violência contra a Mulher; Métodos Epidemiológicos

ABSTRACT: This study was dedicated to characterize the occurrences of sexual violence in Brazil, from 2009 to 2017, according to data from the Health Information System of the Informatics Department of the Unified Health System. It is a cross-sectional, retrospective study. quantitative approach. The chosen variables corresponded to those available in DATASUS, and which corresponded to the research objectives, namely: types of violence, sex, age group, and the author of the aggression. The collected data were analyzed using statistical analysis, with simple and relative frequency. The data obtained through consultation with DATASUS allow us to affirm that violence in Brazil has shown significant growth, and the number of cases of violence, in all its types, has grown between 341.9% and 1,630.6% among years 2009 and 2017. Regarding the types of violence and their classifications, physical violence predominates, in number of occurrences, throughout the period. For all types of violence, in every year, the highest proportion of notifications is from women, who reach 88.4% of notifications of sexual violence in 2017. Violent natures communicate in some way, because many times, within their living environment, the aggressor and the victim have a relationship. Exemplifying only the domestic aspect of sexual violence, not considering other modalities for that same violent nature, he will submit to economic, psychological, physical violence including non-consensual sexual practice, and may lead to self-injury causing his death.

KEYWORDS: Violence; Violence Against Women; Epidemiologic Methods

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde define violência como “o uso intencional de força física ou poder, real ou como ameaça contra si próprio, outra pessoa, um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tem grande probabilidade de resultar em ferimentos, morte, danos psicológicos, desenvolvimento prejudicado ou privação”¹.

Pode atingir toda uma população, não sendo mais restrita a áreas definidas como bolsões de violência, porém algumas camadas da sociedade, ainda são mais vulneráveis às condições violentas, seja ela resultado de autoagressões, de agressões interpessoais ou de violência coletiva. Estima-se que mundialmente a violência seja responsável pela morte de 1 milhão de pessoas ao ano, e essas vítimas são principalmente jovens².

As vítimas da violência de qualquer natureza são acometidas por consequências diversas, podendo gerar hospitalizações, danos físicos e psicológicos que além de gerar custos para a saúde pública, causa traumas muitas vezes irreparáveis nas vítimas².

Neste estudo, o foco será dado à violência sexual, que apresenta definição mais precisa como “qualquer ato sexual ou tentativa de obter ato sexual, investidas ou comentários sexuais indesejáveis, ou tráfico ou qualquer outra forma, contra a sexualidade de uma pessoa usando coerção”. Pode ser praticada por qualquer pessoa, independentemente da relação com a vítima, e em qualquer cenário, incluindo a casa e o trabalho³.

As consequências específicas da natureza sexual da violência, compreendem lesões, gravidez indesejada, disfunção sexual, e/ou doenças sexualmente transmissíveis, como o HIV, tendo também um grande impacto sobre o estado psicológico da mulher. Entre os danos causados à saúde mental, podem contar-se a ansiedade, a depressão e até o suicídio⁴.

A violência não é um ato exclusivo somente às mulheres, mais esse fenômeno ocorre principalmente com elas; pois trata-se de uma condição imposta ao gênero, sendo que seu infrator, utiliza-se do pseudopoder de supremacia em relação a força física, moral ou a dependência financeira, condiciona a mulher a ser vítima de abusos, ocorrendo em diversas situações e lugares, inclusive o abuso conjugal⁵.

Sob uma visão mais generalista, a violência sexual não ocorre somente com a manutenção de relação sexual indesejada, mais a exibição das genitálias, o toque indesejado, muitas vezes em meio público e cotidiano, o uso de palavras de cunho sexual, a exposição indesejada e criminosa em meios digitais, já se caracteriza abuso⁶.

O fenômeno da violência sexual não é facilmente identificado por dados estatísticos. Além da falta de notificação em meios adequados, também existem as subnotificações que é uma irregularidade que fragiliza o encadeado sistema de saúde brasileiro, gerando prejuízos substanciais, uma vez que os números não refletem de fato a realidade, eles não servem de suporte a políticas públicas adequadas⁴.

A grande dificuldade para se criar dados para a epidemiologia da violência sexual no Brasil, está relacionado na questão da dificuldade da mulher em acreditar no amparo das instancias judiciárias e também no medo da atitude da sociedade e em perder o emprego, fazendo com que a mulher se subalternize e torne esse tipo de violência uma coisa natural⁴.

Desta forma este estudo dedicou-se a caracterizar as ocorrências de violência sexual no Brasil, nos anos de 2009 a 2017, segundo dados do Sistema de Informações de Saúde do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS)⁷.

1. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo, de abordagem quantitativa, para caracterizar as ocorrências de violência sexual no Brasil, nos anos de 2009 a 2017, com dados obtidos por meio do banco de dados online e de acesso livre do Sistema de Informações de Saúde do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), alimentado por meio da Ficha de notificação / investigação individual: violência doméstica, sexual e/ou outras violências interpessoais.

As variáveis elegidas corresponderam àquelas disponíveis no DATASUS, e que corresponderam aos objetivos da pesquisa, a saber: tipos de violência, sexo, faixa etária, e autor da agressão. Os dados coletados foram analisados utilizando análise estatística, com frequência simples e relativa.

Este projeto não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, por se tratar de utilização de dados oficiais e de acesso livre o que justifica a ausência do registro e da avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa, conforme a Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016.

2. RESULTADOS

Os dados obtidos por meio da consulta ao DATASUS⁷ nos permitem afirmar que a violência no Brasil tem apresentado crescimento significativo, sendo que o número de casos de violência, em todos os seus tipos, cresceu entre 341,9% e 1.630,6% entre os anos de 2009 e 2017.

Em relação aos tipos de violência e suas classificações, a violência física predomina, em número de ocorrências, em todo o período. Para todos os tipos de violência, em todos os

anos, a maior proporção de notificações é de mulheres, que chegam a ter 88,4% das notificações de violência sexual em 2017.

A Tabela 1 demonstra os casos de violência notificados no período, e relacionados com o sexo. É importante ressaltar que a tabela não apresenta as ocorrências com a informação sobre o sexo ignorada.

Tabela 1 – A progressão dos tipos de violência no Brasil (2009-2017), Assis, 2020.

Tipos de violência	2009 n (%)	2010 n (%)	2011 n (%)	2012 n (%)	2013 n (%)	2014 n (%)	2015 n (%)	2016 n (%)	2017 n (%)
Lesão autoprovocada									
Homens	1.442 (36,6)	2.461 (36,5)	5.244 (35,1)	7.266 (34,3)	8.798 (34,5)	9.797 (33,0)	13.610 (34,3)	15.292 (33,6)	21.750 (31,9)
Mulheres	2.498 (63,4)	4.278 (63,5)	9.696 (64,9)	13.898 (65,7)	16.670 (65,4)	19.910 (67,0)	30.197 (76,1)	30.197 (66,4)	46.440 (68,1)
Total	3.941 (100,0)	6.739 (100,0)	14.940 (100,0)	21.164 (100,0)	25.470 (100,0)	29.708 (100,0)	39.389 (100,0)	45.489 (100,0)	68.201 (100,0)
Violência física									
Homens	9.328 (36,8)	17.244 (36,0)	22.602 (30,8)	36.695 (35,0)	36.968 (29,8)	34.799 (26,3)	45.591 (30,2)	41.485 (26,5)	51.858 (26,9)
Mulheres	16.009 (63,2)	30.680 (64,0)	50.745 (69,2)	72.174 (68,38)	86.868 (70,1)	97.691 (73,7)	105.446 (69,8)	115.301 (73,5)	141.141 (73,1)
Total	25.343 (100,0)	47.934 (100,0)	73.351 (100,0)	104.879 (100,0)	123.853 (100,0)	132.500 (100,0)	151.044 (100,0)	156.790 (100,0)	193.060 (100,0)
Violência psicológica/moral									
Homens	1.653 (16,4)	3.155 (17,0)	4.616 (16,0)	6.448 (15,2)	7.736 (15,2)	8.211 (15,0)	10.849 (17,2)	10.302 (15,9)	12.715 (16,7)
Mulheres	8.431 (83,36)	15.447 (83,0)	24.310 (84,0)	36.061 (84,8)	43.117 (84,8)	46.355 (84,9)	52.217 (82,8)	54.659 (84,1)	63.244 (83,2)
Total	10.088 (100,0)	18.608 (100,0)	28.926 (100,0)	42.513 (100,0)	50.858 (100,0)	54.571 (100,0)	63.070 (100,0)	64.963 (100,0)	75.986 (100,0)
Violência sexual									
Homens	1.161 (13,7)	1.889 (14,6)	2.368 (13,8)	3.032 (13,6)	3.366 (12,8)	3.385 (12,2)	3.427 (12,3)	3.767 (12,1)	4.345 (11,6)
Mulheres	7.294 (86,2)	11.027 (85,4)	14.805 (86,2)	19.294 (86,4)	22.914 (87,2)	24.304 (87,8)	24.393 (87,7)	27.354 (87,9)	33.028 (88,4)
Total	8.458	12.919	17.176	22.327	26.281	27.691	27.820	31.122	37.379

	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)	(100,0)
Violência financeira/econômica									
Homens	128 (18,7)	227 (17,7)	341 (17,6)	412 (15,8)	510 (17,0)	557 (18,4)	726 (21,0)	716 (18,6)	937 (21,9)
Mulheres	555 (81,3)	1.055 (82,3)	1.594 (82,4)	2.198 (84,2)	2.481 (82,9)	2.467 (81,6)	2.738 (79,0)	3.137 (81,4)	3.340 (78,0)
Total	683 (100,0)	1.282 (100,0)	1.935 (100,0)	2.610 (100,0)	2.992 (100,0)	3.025 (100,0)	3.464 (100,0)	3.854 (100,0)	4.280 (100,0)

A violência sexual, foco desta pesquisa, compreende o assédio sexual, o atentado violento ao pudor, a exploração sexual, o estupro e a pornografia infantil. Dentre eles, o estupro é a ação de violência sexual que historicamente mais ocorre, com pico de 97,6% das ocorrências notificadas em mulheres, no ano de 2009 (Tabela 2).

Tabela 2 – A violência sexual no Brasil associada ao sexo das vítimas (2009-2017), Assis, 2020.

Tipos de violência	2009 n (%)	2010 n (%)	2011 n (%)	2012 n (%)	2013 n (%)	2014 n (%)	2015 n (%)	2016 n (%)	2017 n (%)
Assédio sexual									
Homens	226 (15,2)	411 (15,3)	495 (14,3)	679 (14,2)	769 (14,2)	771 (13,3)	893 (15,3)	1.082 (14,2)	1.256 (13,5)
Mulheres	1264 (84,8)	2267 (84,7)	2970 (85,7)	4087 (85,8)	4662 (85,8)	5019 (86,7)	5.825 (86,7)	6.564 (85,8)	8.051 (86,5)
Estupro									
Homens	98 (2,4)	890 (10,5)	1392 (11,5)	1822 (11,3)	2152 (11,3)	2204 (11,0)	2.280 (11,2)	2.447 (10,8)	2.852 (10,5)
Mulheres	3967 (97,6)	7617 (89,5)	10693 (88,5)	14.282 (88,7)	16976 (88,7)	17879 (89,0)	18.112 (88,8)	20.200 (89,2)	24.182 (89,4)
Atentado violento ao pudor									
Homens	726 (23,8)	737 (23,4)	607 (22,3)	541 (20,3)	540 (20,6)	368 (18,5)	1 (14,3)	0 (0,0)	0 (0,0)
Mulheres	2328 (76,2)	2413 (76,6)	2115 (77,7)	2127 (79,7)	2077 (79,4)	1625 (81,5)	6 (85,7)	0 (0,0)	0 (0,0)
Pornografia infantil									
Homens	74 (31,9)	77 (25,0)	100 (24,1)	102 (22,2)	125 (20,8)	143 (22,3)	120 (19,6)	162 (24,1)	162 (20,1)
Mulheres	158 (68,1)	231 (75,0)	315 (75,9)	357 (77,8)	475 (79,2)	498 (77,7)	491 (80,4)	510 (75,9)	644 (79,9)
Exploração sexual									
Homens	59 (17,3)	96 (18,9)	119 (16,5)	126 (15,7)	144 (15,1)	162 (17,0)	130 (14,3)	126 (13,2)	153 (13,6)
Mulheres	283 (82,7)	412 (81,1)	603 (83,5)	678 (84,3)	812 (84,9)	790 (83,0)	781 (85,7)	829 (86,8)	968 (86,4)

Considerando o ciclo de vida das vítimas de violência sexual, pessoas com idade entre 10 e 19 anos caracteriza o perfil dos mais frequentes acometidos, na faixa entre 41,5 e 46,1% do total de vítimas (Tabela 3).

Tabela 3 – A violência sexual no Brasil associada ao ciclo de vida das vítimas (2009-2017), Assis, 2020.

Faixa etária	2009 n (%)	2010 n (%)	2011 n (%)	2012 n (%)	2013 n (%)	2014 n (%)	2015 n (%)	2016 n (%)	2017 n (%)
Menos que 10 anos	2.857 (33,8)	4.684 (36,3)	5.675 (33,0)	7.489 (33,5)	8.449 (32,1)	8.291 (29,9)	8.715 (31,3)	9.673 (31,1)	11.267 (30,1)
10 a 19 anos	3.511 (41,5)	5.473 (42,4)	7.702 (44,8)	9.846 (44,1)	12.106 (46,1)	12.981 (46,9)	12.407 (44,6)	13.734 (44,1)	16.696 (44,7)
20 a 59 anos	2.024 (23,9)	2.648 (20,5)	3.665 (21,3)	4.799 (21,5)	5.503 (20,9)	6.075 (21,9)	6.365 (22,9)	7.288 (23,4)	9.045 (24,2)
60 anos e mais	66 (0,8)	113 (0,9)	133 (0,8)	192 (0,9)	217 (0,8)	255 (0,9)	290 (1,0)	341 (1,1)	363 (1,0)

Ainda, investigamos o perfil do provável autor da agressão, conforme os dados das fichas de notificação, obtidos por meio do acesso ao DATASUS. Percebe-se que a grande maioria dos agressores são pessoas conhecidas. Os desconhecidos que cometem violência sexual participam de 19,2 a 24,6% das ocorrências no período pesquisado (Tabela 4).

Tabela 4 – A violência sexual no Brasil e o provável autor da agressão (2009-2017), Assis, 2020.

Faixa etária	2009 n (%)	2010 n (%)	2011 n (%)	2012 n (%)	2013 n (%)	2014 n (%)	2015 n (%)	2016 n (%)	2017 n (%)
Amigos / conhecidos	2.034 (20,9)	3.248 (21,6)	4.243 (21,5)	5.616 (21,9)	6.678 (21,8)	6.689 (21,2)	6.851 (23,0)	7.703 (22,8)	9.048 (22,2)
Desconhecidos	2.399 (24,6)	3.327 (22,1)	4.258 (21,6)	5.077 (19,8)	5.873 (19,2)	6.203 (19,6)	6.427 (21,6)	6.978 (20,7)	8.230 (20,2)
Pai	668 (6,8)	1.130 (7,5)	1.430 (7,3)	1.968 (7,7)	2.279 (7,4)	2.485 (7,9)	2.274 (7,6)	2.750 (8,1)	3.349 (8,2)
Padrasto	781 (8,0)	1.096 (7,3)	1.416 (7,2)	1.918 (7,5)	2.163 (7,1)	2.280 (7,2)	2.272 (7,6)	2.654 (7,9)	2.986 (7,3)
Namorado (a)	230 (2,4)	418 (2,8)	848 (4,3)	1.081 (4,2)	1.565 (5,1)	1.782 (5,6)	1.700 (5,7)	1.902 (5,6)	2.389 (5,9)
Outros	3.643 (37,3)	5.829 (38,7)	7.504 (38,1)	9.978 (38,9)	12.041 (39,4)	12.179 (38,5)	10.295 (34,5)	11.798 (34,9)	14.778 (36,2)

3. DISCUSSÃO

O Atlas da Violência, 2018, produzido pela IPEA – Instituto Econômica Aplicada, que com os dados fornecidos por diversos órgãos, institutos e entes públicos e privados, como o próprio Ministério da Saúde, conseguiu traçar o perfil epidemiológico da violência no Brasil, demonstrando a evolução da violência, obtidas também nesta presente pesquisa⁸.

Toda essa violência traz diversas consequências para o País, na saúde, à dinâmica social e a questão econômica, uma vez que a verba empregada pelos governos sempre será insuficiente para tentar estancar a violência no país.

A violência ocorre por diversas naturezas como: as lesões autoprovocadas, acidentes, agressões físicas, estupro ou outras de natureza sexual, psicológicas, econômica e também para ampliar a parábola estatística, temos a violência nas intervenções legais, que acontecem quando um agente público em pleno exercício legal da sua função causa a população quaisquer condições de agressão, gerando ou não óbito⁸.

A violência física lidera com folga o ranking de prática mais cometida contra a vítima em geral. A violência física está relacionada com a relação de poder entre pessoas, que se aplicando força física ou por algum tipo de instrumento semelhante a uma arma, causa danos de naturezas diversas em sua vítima, ela pode manifestar-se de diversas maneiras, cortes, chutes, empurrões, entre tantas possibilidades, podendo levar a danos físicos irreparáveis e em casos extremos ao óbito⁹.

A violência psicológica/moral, que não determinada como regra, ainda está bastante vinculada a violência física, pois, muito provavelmente, seu agressor irá utilizar-se de métodos de agressão física, logo após a prática da violência psicológica, levando em consideração que a vítima dessa modalidade de violência, sente-se como um prisioneiro que depende de seu algoz para conseguir viver¹⁰.

A lesão autoprovocada, é outra condição violenta que a vítima se submete voluntariamente, ferindo-se, causando lesões físicas em si próprio. Esse tipo de lesão acontece, por vezes, em decorrência de traumas causados por outras modalidades de violência elencadas nesse estudo, como por exemplo uma pessoa que carrega o trauma de um abuso sexual está mais propensa a se auto lesionar do que pessoas que não foram acometidas por essa condição violenta¹¹.

A violência financeira/econômica torna a vítima tão prisioneira quanto a questão psicológica, pois a vítima, normalmente dentro de seu ambiente doméstico e como principal agressor seu companheiro ou pai, a vítima é levada a submeter-se a uma escravidão por

depender financeiramente do agressor, causando-lhe a falsa impressão de dependência para sua sobrevivência¹².

A violência sexual é compreendida como qualquer ato sexual ou uma tentativa de obtenção de ato sexual, mediante violência ou coerção, comentários e investidas sexuais indesejadas¹³.

Várias ações podem ser classificadas como violência sexual: o assédio sexual, o atentado violento ao pudor, a pornografia infantil, a exploração sexual e o estupro. Qualquer uma dessas ações degrada e subjuga a pessoa humana, seja do sexo feminino ou masculino¹⁴.

Entre essas condutas violentas, há as que são compreendidas como que uma situação cotidiana entre as vítimas, por exemplo o assédio sexual, que ocorre cotidianamente em transportes coletivos, em locais de trabalho e em raros os casos são levados a entes públicos, como as delegacias de polícia, devido ao fato das vítimas se sentirem envergonhadas, além de duvidarem de seus direitos. Todavia, as notificações têm apresentado um leve aumento.

A pornografia infantil é uma realidade cruel. Na internet circula esse tipo de material com uma velocidade imensurável, ficando de fora das estatísticas. Grande parte das vezes essa violência contra as crianças depende de investigações policiais¹⁵.

O estupro é a modalidade violenta de natureza sexual que mais ocorre no Brasil. É uma conduta tipificada na legislação brasileira como crime, e acomete pessoas de ambos os sexos, idades diversas, não excluindo pessoas de raças diferentes, e está presente em todas as classes sociais⁸.

A mulher é a vítima mais frequente da violência sexual, que ocorre em todos os cenários culturais ou sociais, produto de uma história de desigualdade de poder entre homens e mulheres que não é exclusiva ao lar, e com autor da agressão que inclui agressores fora de seu ciclo de amizade ou familiar.

Por vezes, os homens acreditam ter dominação sobre o corpo das mulheres, como se tivessem direito pleno sobre ela e suas decisões, e assim cometem as agressões, com uso da força corporal, espancamento, ameaças, uso de objetos cortantes, entre outros¹⁶.

É possível observar que as ocorrências de violência contra mulher são mais frequentes do que entre os homens, fato que coloca as mulheres numa posição de vulnerabilidade às violências.

Os principais agressores na violência sexual são amigos e conhecidos, pessoas que estão sempre por perto e fazem parte do ciclo de amizades da vítima, fato que torna mais fácil a aproximação e execução da agressão¹⁷.

Sobre o local da agressão, a violência sexual não ocorre apenas em lares e no trabalho, mas nas ruas e em lugares onde a vítima fica ainda mais vulnerável e desprotegida.

Acreditamos assim que todo ato de violência mais uma vez reforçando deve ser denunciado para que os agressores sejam punidos, além de serem notificados que por sinal é um ato de cidadania, e que leva a se obter dados mais conclusivos que ajudem a levantar outras pesquisas que colaborem para o desenvolvimento de melhores atendimentos e precauções, denunciar é um direito da vítima e um modo para que seja feita justiça¹⁶.

Deve-se salientar que os números aqui apresentados não refletem a realidade sobre a prática de violências no Brasil, pois perduram fatores impeditivos para que a vítima procure por unidades de cuidado, seja por preconceito da própria sociedade ou por medo¹⁸.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As naturezas violentas se comunicam de alguma maneira, pois muitas vezes, dentro do seu ambiente de convívio, o agressor e a vítima possuem relacionamento. Exemplificando somente o aspecto domiciliar da violência sexual, não considerando outras modalidades para essa mesma natureza violenta, ele á submete a violência econômica, psicológica, física incluindo a prática sexual não consentida, e podendo levar a mesma a auto lesão ocasionando seu óbito.

A essa ótica acerca das naturezas violentas, fica evidenciado que o aumento das notificações ocorre por que as agressões acontecem. As notificações oficiais geram os dados utilizados para as pesquisas sobre a violência em suas diversas faces no Brasil, porém ainda existe um abismo entre os verdadeiros números e os oficialmente notificados.

REFERÊNCIAS

- Organização Mundial da Saúde. Relatório Mundial Sobre a Prevenção da Violência. 2014. São Paulo: Organização Mundial da Saúde; 2014.
- Dahlberg LL, Krug EG. Violência: um problema global de saúde pública. *Ciênc. saúde coletiva* 2006; 11: 1163-1178.
- Organização Mundial da Saúde. Relatório Mundial Sobre Violência e Saúde. Genebra: Organização Mundial da Saúde; 2002.
- Souza CM, Adesse L. Violência sexual no Brasil: perspectivas e desafios. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres; 2005.
- Fonseca DH, Ribeiro CG, Leal NSB. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicol. Soc.* 2012; 24: 307-314.
- Leite FMC, Bravim LR, Lima EFA, Primo CC. Violência contra a mulher: caracterizando a vítima, a agressão e o autor. *J. res.: fundam. care. online* 2015; 7: 2181-2191.
- Ministério da Saúde. DATASUS [Internet]. 2020 [acessado em 10jul. 2020]. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/>
- Cerqueira D, Coelho DSC, Ferreira H. Estupro no Brasil: vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014. *Rev. bras. segur. Pública* 2017; 11: 24-48.
- Campos AH, Correa LR. Direitos Humanos das Mulheres. Curitiba: Jaruá, 2007.
- Silva LL, Coelho EBS, Caponi SNC. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface (Botucatu)*. 2007; 11(21):93-103.
- Centro Estadual de Vigilância em Saúde. Tipologia da violência. Disponível em: <https://www.cevs.rs.gov.br/tipologia-da-violencia>
- Santos AMR, Silva FL, Rodrigues RAP, Sá GGM, Santos JDM, Andrade EMLR et al. Violência financeiro-patrimonial contra idosos: revisão integrativa. *Rev. Bras. Enferm.* 2019; 72(Suppl2): 328-336.
- Tanaka B, Maia A. Mulheres vítimas de violência sexual e resposta sexual na vida adulta: uma revisão da literatura. *RP&E online*. 2020; 3(1):85-93.
- Simon Ingrid, Galera ES. Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. *Revista Jurídica*. 2017; 1(1): 115-140.
- Landini TS. Violência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração. *Cadernos Pagu*. 2006; (26): 225-252.
- Nunes MCA, Lima RFF, Moraes NA. Violência Sexual contra Mulheres: um Estudo Comparativo entre Vítimas Adolescentes e Adultas. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2017; 37(4): 956-969.
- Cabral AMG, Buissa ACR, Carnier CC, Miyazaki ET, Gongora DVN, Lucânia ER. Perfil de mulheres vítimas de abuso sexual atendidas em hospital de ensino. *Arq. Ciênc. Saúde*. 2015; 22(3):46-52.
- Delziovo CR, Bolsoni CC, Nazário NO, Coelho EBS. Características dos casos de violência sexual contra mulheres adolescentes e adultas notificados pelos serviços públicos de saúde em Santa Catarina, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. 2017; 33(6):e00002716.